

EL PROCESO EDUCATIVO ESTÉTICA DEL NIÑO MEDIADA POR LA VIOLENCIA SIMBÓLICA, SOCIAL Y FÍSICO EN PERIFERIA URBANA MARABÁ.

Silva dos Santos Filho, Alexandre.

Cita:

Silva dos Santos Filho, Alexandre (2017). *EL PROCESO EDUCATIVO ESTÉTICA DEL NIÑO MEDIADA POR LA VIOLENCIA SIMBÓLICA, SOCIAL Y FÍSICO EN PERIFERIA URBANA MARABÁ*. XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-019/642>

ESTUDO DO PROCESSO EDUCATIVO ESTÉTICO DE CRIANÇAS MEDIADAS POR VIOLÊNCIA SIMBÓLICA, SOCIAL E FÍSICA NA PERIFERIA URBANA DE MARABÁ

SANTOS FILHO, Alexandre Silva dos
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA
"PARA PUBLICAR EN ACTAS"

1 INTRODUÇÃO

A criatividade artística infantil tem como um de seus processos de referência estética o esquematismo kantiano. Diz-se que tal esquematismo encontra na imaginação da criança um modo de existência, visto que é capaz de qualificar a experiência estética dos meninos e das meninas, direcionando-as a partir das percepções infantis, tomando por base a vida cotidiana e o processo educativo das crianças. Aliás, é a partir da compreensão analítica do esquematismo que esta pesquisa tem sua importância, posto que as crianças da periferia urbana em Marabá (Pa)¹ são mediadas pelo constrangimento de violências recebidas por meio de ações simbólicas, social e física no contexto dessa amazonidade.

Ressalta-se alguns aspectos concernentes a objetivação das crianças em seu cotidiano na esfera do processo educativo estético, que de algum modo, tem envolvido violências, no âmbito da periferia urbana da cidade de Marabá, com as crianças. Implica, por outro lado, reconhecer que a criança e sua infância, nessa periferia, é caracterizada por sua história e das famílias. Fundamentalmente, é necessário formular a compreensão em vista do processo de objetivação de afetação estética, a concepção da situação de invasão de terrenos urbanos e conflitos agrários os quais passam a compor o repertório da expressividade artística infantil, causando também violenta afronta à forma estética em face da formação da criança nessa cidade.

O brincar infantil tem também o promissor papel na vida das crianças marabenses. Ele é distintivo e tem a propriedade de indicar habilidades, destrezas físicas, resistência aos processos de inculcação das meninas e dos meninos. É por meio do brincar com as imagens, desenhadas ou pintadas em papel, que a criança representa o mundo como um artifício esquemático, qualifica-o como artefatos imaginários vivos, participando das expressões

¹ A cidade de Marabá é a maior na região do sudeste paraense, tem uma população aproximadamente de 270 mil habitantes e seu em torno tem sido palco de disputas agrárias e de exploração do trabalho infantil e trabalho escravo de homens e mulheres no campo.

particulares de um fazer constante – como jogar, brincar e fazer arte . Poder-se-ia dizer que a criança enquanto brinca, pensa e conta histórias, produz e seleciona coisas, interpreta e reforma objetos existentes no mundo concreto e que não servem mais aos adultos. Usa a imaginação livremente para se expressar por meio do jogar, brincar e fazer arte. Assim, ela tem maiores chances de superar os esquemas impostos pelo mundo dos produtos industriais.

Outra situação alusiva à pesquisa envolve a observação de famílias na periferia urbana de Marabá. Justifica-se esta abordagem pelo fato de ser a família quem está mais próxima do conteúdo da violência de todos os matizes. Além do mais, são as famílias da periferia os perfis que têm maior incidência no conflito e abuso de crianças e adolescentes nas instituições de abrigo provisório. Em função dos prejuízos sociais que se enquadram às conjunturas das violências, cujo marco territorial envolve membros familiares e por isso o perfil do grupo social ser o foco desse estudo.

Os fundamentos teóricos interdisciplinares são bases da práxis do estudo em questão por envolver o processo educativo estético, a expressividade artística e racionalidade estética da criança em função do esquematismo kantiano e reflexões de ordem social e educativa. Para tanto, reúne-se a produção artística infantil sobre a temática da violência física, simbólica e social indicativa da realidade municipal de Marabá. Há um enfoque que merece destaque, diz respeito a auto expressão das crianças, a partir daquelas que estão nos espaços de acolhimento provisório institucionais.

Preocupamo-nos sobretudo envolver crianças da periferia urbana de Marabá, as quais frequentam escolas e/ou não estão participando da educação formal. Este estudo interdisciplinar adota a metodologia rizomática com o propósito de ampliar a consistência do conjunto das linhas de conhecimentos que se organizam e se propõem à experiência de se mover por territórios de conhecimentos em incessantes descobertas. Cria-se, portanto, uma rede de significações com base em um sistema acêntrico, envolvendo diferentes áreas epistemológicas, já que o problema é complexo e multidimensional.

2 O DESLOCAMENTO É A PERIFERIA

A arte infantil mediante ao deslocamento para a periferia, desempenha um papel potencial e vital na expressão pessoal das crianças nessa territorialidade, já que reúne diversos elementos de sua experiência cotidiana e influências de temas que passam pela história de vida dos ocupantes da periferia. À vista disso, a criança forma significados diversos em seu

pensamento sobre a realidade que a circunda, ativando uma possibilidade pedagógica e de experiência estética. Além do que, os objetos (e brinquedos), as histórias, as imagens etc., que a criança cotidianamente tem contato são pertencentes à sensibilidade estética dela, de tal forma que, em algum momento, esse repertório se converter em algo muito importante em sua vida. Fazem parte do seu processo criador e educativo.

Nessa perspectiva, Lowenfeld e Brittain (1970) ensinam-nos o que ocorre com a atitude criadora da criança sob a subsunção do espaço em que ela habita. Os autores são enfáticos em dizer que existem elementos sensíveis numa estreita correlação com a sensibilidade infantil e as coisas no mundo concreto, sobretudo, se há aprendizagem e se existe a mobilização de esquemas estéticos capazes de subornar a realidade constrangida pelo corpo social, uma vez que a sociedade impõe valores padronizados e faz dele hegemônicos. Daí poder-se-ia dizer que quanto maior a oportunidade da criança em se envolver com a manipulação das coisas da realidade concreta (real), mais ela terá possibilidades de perceber o mundo cultural dos artefatos construídos pela humanidade. Essa concepção preside outra subjacente, formulada do seguinte modo: a maioria dos brinquedos das crianças parece ser indispensável ao desenvolvimento dela, no entanto, é preciso observar que muitas crianças

[...] precisam de uma corrente contínua de estímulo. Sem esse incentivo, a vida, para elas, perderia todo o sabor. Tornar-se-iam insensíveis à riqueza do ambiente que as rodeasse. Sua busca contínua de novos estímulos nada mais seria que uma fuga diante da sua incapacidade para lidar com elas próprias, com sua imaginação, com seu mundo. É esta mesma possibilidade de fuga que proporcionamos a uma criança inquieta, quando lhe oferecemos mais coisas com que brincar. (LOWENFELD, 1977, p. 10).

O brincar assume, desde então, o primeiro ato de esquematização intelectual da criança, definindo brinquedo como “coisa” que ela adiciona no seu brincar livre e espontâneo, passa assim a ter uma importância na constituição dos novos estímulos da brincadeira. Sendo o brinquedo o desdobramento fundamental para a construção de novos esquemas e presente na manifestação processual da ludicidade. É preciso entender que o brinquedo será um instrumento posto a serviço da brincadeira, da recreação, do lazer e do jogo, caracterizando-o um potencial estético mediante a forma que se estrutura na mente de criança, ou seja, poder-se-á dizer que ele será um modo de cultivar a autonomia infantil.

Se existem crianças que brincam e alcançam intentos definidos na liberdade do brincar, há também aquelas que são usurpadas pela realidade cotidiana, em que são a elas dado um significado de territorialidade imposta sob a condição periférica da e na Amazônia. Tal condição, situa-se, primeiramente, no fato de se tratar de criança de periferia, subordinada ao

processo de transformação social da infância, no âmbito da diferença cultural em que se reduz o sentido do encontro das famílias oriundas de diferentes lugares do Brasil para o município de Marabá. Em muitos casos, caracteriza-se o encontro como o enfrentamento entre uma classe definida pela maioria mediante a minoria regional e dos migrantes.

Todavia, a migração de famílias em interação com as nativas gera intercâmbio e se isso implica potencialmente um modo de promover novos rumos da infância, há de se considerar também o germe da contradição: existem ainda configurações culturais capazes de produzir situações que contribuem haver criança sem infância, como exemplo o trabalho infantil, trocar crianças por alimentos, abuso sexual de bebês, espancamentos de meninos e meninas, abandono de crianças nas ruas etc. E, nesse feito significativo, ser criança é o desafio contingente da periferia urbana em Marabá: viver a infância na Amazônia.

Tais antinomias são propaladas pelo povo na história dessa amazonidade. Há de se observar que a criança vem sendo alvo dos mesmos desígnios de séculos da formação cultural no que diz respeito ao trato dela na Amazônia. A reflexão subjacente sublinha a existência de uma abordagem que priva a infância da criança, põe em evidência sua forma adultificada. Sobretudo por que esta posição esquematizada aponta para a instrumentalização da criança pela própria família, principalmente para o ambiente do trabalho. E é, ao mesmo tempo, no seio da própria família (que a acolhe), que a criança é também constrangida – pelo medo, pela violência, pelo modo arbitrário de educar em casa etc.

A violência contra a criança, no contexto sociocultural e histórico da cidade de Marabá, está presente há muito tempo, pois ela (violência) permeia o cotidiano, principalmente, da marginalidade das famílias que estão nas zonas periféricas da cidade. Neste caso, ressalta-se as comunidades constituídas pelas invasões de terras no espaço urbano. Além do mais, há um legado de violências que se apresentam à realidade subjacente, seja ela simbólica, física, sexual e psicológica, visíveis na maioria dos casos, mas invisíveis nos modos de existências infantis. Mas quando se oportuniza à criança a expressar por meio do desenho espontâneo sua própria realidade é que emerge em visualidades a mentalidade afetada do menino ou da menina, ferindo o esquematismo infantil. Falando nisso, pode-se perceber que há um índice de violência infantil (e adulta) em todas as camadas sociais, constituindo-se parte de um esquematismo afetado, uma verdadeira e maligna devassa dos direitos humanos na sociedade local.

A onda de violência tem como consequência fatores que irão refletir na sociabilização das crianças, sendo elemento presente no cotidiano familiar e escolar além de central ideia no esquematismo que envolvem os repertórios culturais e estéticos infantis. Por outro lado, a família, enquanto estrutura de base para a criança não é mais o seio protetor, passa a ser uma ameaçadora para sua infância: crianças que foram maltratadas por seus genitores ou responsáveis. Diante disso, percebe-se que a criança quando cresce num ambiente desta modalidade, desenvolve-se numa ausência de infância.

3 VIOLÊNCIA E ESQUEMATISMO

Para ampliar a reflexão conceitual e simbólica sobre o âmbito do esquema cultural e estético que envolve a violência com as crianças na periferia em Marabá, é que torna necessário desvelar a precária situação educativa que impregna-se no capital cultural das famílias. Nesse sentido, vê-se associado à subcultura familiar o sentido de posse sobre todos os entes do seio familiar, ou seja, há um sentimento de propriedade sobre os filhos. Motivo este que se estabelece com naturalidade a disciplina neste âmbito social familiar com as violentas palmadas (e até mesmo espancamentos) – herança cultural que vem prevalecendo ao longo da história na região –, tornando-se assim, a própria família, ameaçadora da infância local.

A concepção de criança, nessa perspectiva, não é diferente da que se tem em relação a estreita proximidade do nascimento. Conforme delinea Arendt (2007, p. 17) a educação tem a ver com a natalidade, já que a natalidade representa o novo começo inerente a cada nascimento e por isso o “[...] o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir”. Entretanto, a extrema vulnerabilidade do recém nascido o faz ser, de fato, o mais subordinado do meio familiar, visto que sem resistência projeta-se nele os desejos, os projetos, as expectativas e sem sombra de dúvidas as ilusões de dias melhores. (LAROSSA, 1998). A educação, assim, far-se-á a partir da forma de recepção do infante. Porém, o temor na contradição do viver incertezas conduz ao terror totalitário da mazela humana e se reduz a destruição da infância.

Essa história vai se repetindo, geração pós geração, os filhos agem da mesma forma, legitimam-se o ato disciplinar da violência pelo legado sociocultural como a maneira legal e normal do tratamento dado as crianças da periferia urbana, uma vez que foi assim que pais e mães (no passado) foram condicionados à educação familiar; portanto, aceito como capital cultural em muitas comunidades na contemporaneidade urbana do município de Marabá. Significando ainda *habitus* que toma a violência como noção de cultura, influenciando na percepção,

comportamento e ações duráveis que implica no relacionamento familiar. Conforme formula Bourdieu (1983, p.65), *habitus* é

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...].

Tal conceito permite encontrar correlações com o esquematismo kantiano, já que *habitus* é referente a constituição histórica no sujeito de repertórios esquemáticos de modo inconsciente (KANT, 2008). Por outro lado, adultos agressores, que se estabeleceram em esquemas de violências e investidas contra a criança estão sendo impedidos de atuarem contra a infância. A introdução no âmbito social e cultural do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, inicia-se outra forma de relacionamento da família com os filhos (BRASIL, 2002). Instalam-se mecanismos de proteção e defesa da criança em Marabá e muitas das violências contra a criança foram refreadas.

Porém, há ainda casos reincidentes que persistem, pois a violência infantil tem designação ao *habitus* (como uma matriz de percepções e de ações), implicando à herança cultural proveniente de períodos históricos constitutivos à formação cultural e étnica do povo marabaense. Isso tem sido aceita pela sociedade como algo estetizante e o constrangimento sócio educativo na infância, natural. No refluxo dos matizes relativos à violência, a causa mais próxima dos repertórios esquemáticos que impregnam a arte infantil em Marabá, remete à premissa da herança cultural das famílias, as marcas da pistolagem, dos conflitos agrários e da personalidade autoritária, bem como as promovidas como consequências da ocupação urbana e ao longo da história da cidade marabaense os ciclos econômicos. Isso reflete a diversidade dos discursos de interesses por parte da posse de terras, ocasionando também homofobia, preconceito étnico, xenofobia, poderio simbólico dado pelo domínio do capital econômico etc.

A capacidade de esquematizar da criança tem a ver com tudo o que já foi dito anteriormente, mas também com a construção do *habitus* social em que tais temáticas tem exercido influencias no pensamento dos indivíduos desde a infância. Logo, os esquemas que a criança decide representar em seu grafismo é resultante da elaboração cultural dos *habitus* engendrados pelo significado de como funciona a sua estrutura perceptiva em correspondência ao entendimento dos fatos reais relativos à sua comunidade. (SANTOS FILHO, 2016). O esquematismo assim será um mecanismo intelectual da criança, já que

mover-se-á a partir do repertório social e cultural que ela vivencia, configurando sua imaginação e sua percepção.

O fato de a criança chegar à idade adulta quando é escolarizada – aprende a ler e escrever –, faz com que se perceba que o mundo esquematizado pelo adulto é resultante dos modos da produção social do trabalho pensado em sociedade. O esquematismo então resulta disso, da escolarização que para Postman (1999) representa etapas que devem ser alcançadas pela criança para chegar ao mundo do adulto. Quer dizer, a criança só irá fazer parte da idade adulta quando adquirir a habilidade da leitura e da escrita. Por conseguinte, a criança deveria ter uma vida de preparação para esse ingresso na vida do mundo do adulto.

Muitos tabus sociais e confidenciais dos adultos tiveram em seu tempo elementos para condicionar a separação entre o mundo adulto do mundo da criança. Hoje em dia não há tantos segredos que separem as crianças do acesso à maturidade adulta. O esquematismo que age como um panoptismo é explicado por Foucault (1987) e pode se aplicar aqui para tornar claro o modo com que a sociedade amazônica em Marabá concebe o poder disciplinar sobre as crianças. A partir da concepção panóptica, poder-se-á pensar que há dispositivos sociais e comunicacionais propensos a produzir um “efeito negativo” – evitar com que as crianças possam se libertar das regras da família –, bem como outro que também induz um estado consciente e contínuo da relação familiar como forma de ocultar nas ações do comportamento da criança, um saber que oculta o funcionamento do poder simbólico e autoritário da família: “[...] o isolamento é o melhor meio de agir sobre a moral das crianças [...]”, diz Foucault (1987, p. 243).

O panoptismo implica esquematismo de impor regras, autoridade e poder invisíveis sobre os infantes. Por outro lado, as reservas adultas aos sigilos referentes a sexo, modas, dinheiro, drogas, vícios, moralidades etc.; que eram esquemas adultos velados das crianças, atualmente, são difundidos em revistas, jornais, telenovelas, propagandas e até mesmo em desenhos animados. Aproximando assim criança dos conteúdos sigilosos do mundo adulto. Para tanto, isso

significa mais do que dizer que a “inocência” da infância está perdida, uma frase que tende a indicar unicamente uma diminuição do encanto da infância. Com a revelação rápida e igualitária de todo o conteúdo do mundo do adulto pela mídia elétrica, várias consequências profundas se fizeram notar. (POSTMAN, 1999, p. 99, grifo do autor).

Ora, o esquematismo à estética do mundo infantil abre portas e emperra outras, a inocência perdida inaugura outros desígnios para o contexto da infância na sociedade mundial. O rápido conteúdo do mundo adulto estão disponíveis sem regras ao acesso das crianças, pois a mídia eletrônica disponibiliza sem censura todo aparato da ação pedagógica via TV digital e redes sociais. Pode-se dizer que em Marabá as crianças estão sendo bombardeadas o tempo todo com os segredos dos adultos e estes incluem outros temas como violência, criminalidade, prostituição, abuso sexual, tráfico de drogas, torturas, conflitos de terras etc.

A partir dessa constatação há uma separação entre a família e a criança na sociedade contemporânea local, que pode ser figurado aqui pelo esquematismo voltado aos instrumentos tecnológicos (TV, Computador, Celular, Tablet, PSP, X Box, Play Station, além das Redes Sociais – Internet), como sendo os mediadores que distanciam os pais das suas crianças. Portanto, pode-se até dizer que as crianças têm pouca convivência com a família, pois há vários aspectos que promovem o afastamento do social e da afetividade. Assim sendo, a interação da criança com os meios tecnológicos e as influências das diversas mídias, como se apresentam transvertidas de adultas, atuam na mentalidade infantil como se elas (as crianças) fossem adultas, inclusive em atos criminosos. E, para tanto, é preciso educar.

4 PROCESSO EDUCATIVO ESTÉTICO MEDIADO POR VIOLENCIA

Pensar educação de criança é refletir sobre os modos de estabelecer um processo educativo que represente a ampliação das possibilidades de viver na condição humana. Isso irá requer, conforme preconiza Arendt (2007, p. 17)

Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, toma-se parte da condição humana. O impacto da realidade do mundo sobre a existência humana é sentido e recebido como força condicionante. A objetividade do mundo - o seu caráter de coisa ou objeto - e a condição humana complementam-se uma à outra; por ser uma existência condicionada, a existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam um amontoado de artigos incoerentes, um não-mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana.

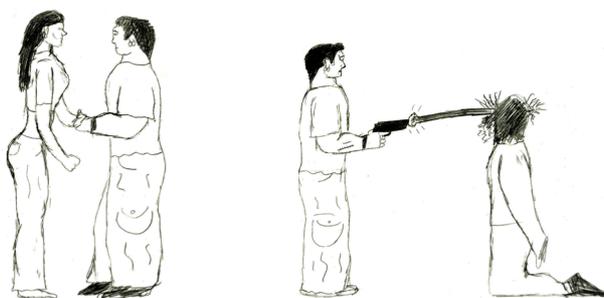
O que está posto é a aparição das coisas no mundo como algo que tem importância ao receptor de um mundo que é fabricado por gerações anteriores ao nascimento de uma criança. Nessa perspectiva, há de se considerar que a educação dos sentidos ou a educação estética de homens e mulheres faz a grande diferença para que todos possam estar juntos no mundo. Nesse sentido, Larossa (1998, p.73, grifo do autor) sublinha a questão: “a educação é a forma em que o mundo *recebe* os que nascem”. Importa notar que o nascimento de um ser humano é

da mesma dimensão do nascimento de um objeto gestado pela imaginação humana. Dai que a aparição da novidade é radical.

Schiller (2002) pressupõe uma educação voltada para os sentidos é um dever humano para com a humanidade e assevera dizendo: “o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga”. (SCHILLER, 2002, p.80). Isso leva a condição cultural em que a vida é distintivamente lúdica e se organiza através das coisas criadas pela humanidade, capaz de promover comunicação estética e de potencializar-se em atos educativos, compreendendo que a criatividade é o ponto em que o eu e o sensível sustentam um modo de ver a realidade e se relacionam com ela. Santos Filho (2016, p. 60), pondera dizendo que “[...] a criança que brinca com seu próprio brinquedo produz beleza e é feliz”. Isso enlaça o dever de a humanidade se mostrar na educação e é um forte ímpeto para que as crianças sejam cultivadas por modos de enfrentar a sua realidade sem dela fugir, mesmo que o desafio seja a condição em sua experiência com os matizes de violência em sua comunidade.

Parece que o esquematismo usurpador do intelecto infantil, naturaliza o conteúdo social violento a cada dia de interação estética da criança com a violência. Vai embaçando a infância em meio às rápidas informações que recebe da comunidade local e comunicacional. É fato incomensurável que a criança absorve elementos da realidade imediata e a partir daí expressa-se com ela e por meio dos ícones que alimenta sua imaginação. Por exemplo, a figura 01 abaixo, tem como princípio o esquema narrativo da história em quadrinhos, próprio de uma criança (11 anos). Esse conteúdo temporaliza a ação da violência (condena à morte) alguém indesejada. Conflitos das relações adultas passam a ser o conflito que envolve a mente da criança também.

Figura 01 – desenho com base na narrativa da história em quadrinhos e conteúdo de violência produzida no mundo adulto.



Encontro 1

Encontro 2

Fonte: Laboratório de Expressão Plástica do Projeto de Pesquisa Racionalidade Estética: estudo do processo de criação artística de criança no município de Marabá/UNIFESSPA.

Esse exemplo é uma ótima bricolagem visual realizada por uma criança de 11 anos. São referências da cultura em que ela está imersa na periferia e que registra um momento de angústia mediada por elementos gráficos da comunicação visual, contida na narrativa de história em quadrinhos. Com Certeau (1995, p. 114) poder-se-á refletir no âmbito da bricolagem: “a criatividade é o ato de reempregar e associar materiais heterogêneos”. Visto que, a figura 1 representa os cacos perdidos de afetividades da criança com meio familiar e a imagem expurga um sentimento que habitava a sua mente, materializa-se como simbolismo de uma emoção afetada e de um pavor de rejeição pelo ato de mostrar o significado do violento modo de expressar-se.

Mais adiante, pode ser visualizado na figura 02. Em Marabá a ideia de infância se estratifica, dada pela onda do progresso econômico que vem alargando as portas dos investimentos por meio do modismo, do comércio e, ao mesmo tempo, dos conflitos sociais. Nesse sentido, os esquemas vão-se constituindo numa ordem que se desdobra em diversos embates, referentes aos ocupantes de terras na região, ocasionados por massacres de grupos defensores da ecologia e do meio ambiente; por invasores de terras ao longo das rodovias ou fazendas improdutivas que foram griladas no período da ditadura militar; ou ainda, invasões urbanas em prédios abandonados e terrenos em áreas desvalorizadas da cidade. Todavia, também se faz notar famílias migrantes que são atraídas pela exploração de riquezas e/ou promessas de trabalho como forma de melhoria de vida. Por isso, a figura 02, traduz-se no esquema gráfico com essa relação e não é à toa que tudo isso possa se revelar na expressão gráfica de uma criança.

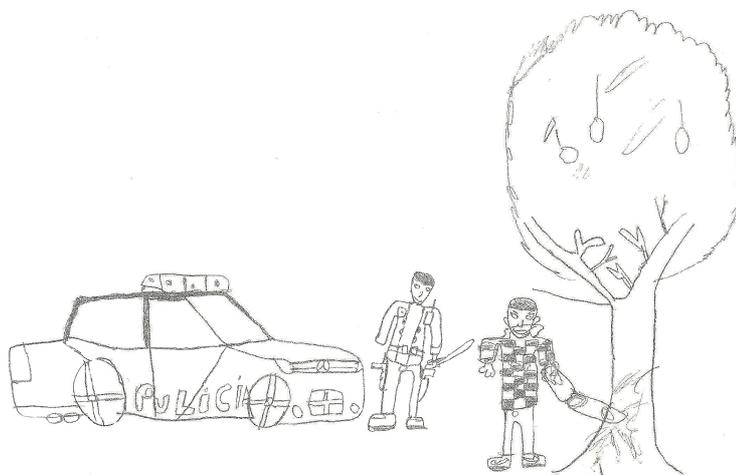
Figura 02 – A criança (11 anos) mostra o repertório das situações dado pelos conflitos no mundo cotidiano.



Fonte: Laboratório de Expressão Plástica do Projeto de Pesquisa Racionalidade Estética: estudo do processo de criação artística de criança no município de Marabá/UNIFESSPA.

Percebe-se claramente que o mundo adulto adentra pouco a pouco no mundo cotidiano das crianças e estas se apropriam de esquemas sociais e não escapam dos repertórios desse campo, já que as crianças também fazem parte das situações citadas, refletindo assim no modo de vida dos ocupantes com os seus familiares. Outro exemplo é a figura 3, a seguir:

Figura 03 – Expressão plástica de uma criança de 10 anos. Preocupa-se com a destruição da árvore.



Fonte: Laboratório de Expressão Plástica do Projeto de Pesquisa Racionalidade Estética: estudo do processo de criação artística de criança no município de Marabá/UNIFESSPA.

A imagem registra um momento corriqueiro na região. Um homem com uma serra elétrica corta uma árvore e um policial chega para impedir o homem no ato fatal. Como se vê na figura 3, há um carro de polícia, o policial armado e com um cassetete na mão, uma árvore frondosa com frutos e um homem vestido com uma jaqueta quadriculada. A cena é indicativa de que o autor do crime ambiental não é da localidade por sua aparência e seu *look*.

As crianças e os adultos vivem em meios a esses contextos psicológicos e sociais que pouco se diferem em ambos os mundos. As crianças observam o tempo todo o repertório social e cultural oriundo dos modos de vida dos adultos, o qual posteriormente passam a compor subjetivamente como sendo o seu próprio repertório imagético e imaginário, refletindo em suas expressões gráficas e artísticas.

A partir do processo do esquematismo kantiano – corresponde ao processo de usar a gramática visual, estruturada no percurso do pensamento sobre a realidade –, é que se propõe um estudo crítico a respeito da construção que envolve o fazer artístico e estético infantil

mediante o processo educativo que perfila a ideia de infância na periferia urbana de Marabá, sob a interferência condicional da violência praticada nessa territorialidade. Demonstrando assim a principal relevância desta pesquisa e se refere aos artefatos que a criança tem maiores proximidades como os brinquedos, o desenho, a pintura, as construções etc., uma vez que estes integram o universo da criação e fruição e são significativos para a criança contemporânea, já que se incorporam no processo educativo naturalmente.

Toma-se, por conseguinte, com base na produção cultural da infância, o ponto de vista sobre a racionalidade adulta, capaz de promover relações sociais prevaletentes e influir na concepção de mundo da criança. Resulta daí uma complexidade histórico-social sob diferentes dimensões – cultural, ideológica, psicológica, estética e pedagógica –, constituindo-se em particularidades de numerosos estudos no campo das ciências sociais e humanas.

Destaca-se de antemão que o processo de criação artística está relacionado, organicamente ao estético, cuja percepção faz a diferença quando há provas evidentes de que tocar, ver, ouvir, cheirar e saborear absorvem a participação ativa da criança em uma dada experiência criadora – artístico e estética –, desdobrando-se em uma racionalidade que permite expressar o pensamento mais fecundo e inseparável da produção material e estética na infância. Quer dizer, a racionalidade em questão é uma categoria estética, influi e exige desígnio artístico, tanto em si quanto em função de uma significação, pois como esquematismo da infância deixa vestígio quando há elaboração da criança em face do material que emprega e na sua expressividade imaginária do produto e do ato criador – eis que é assim que a forma estética se representa.

Ademais, é um modo muito pessoal de a criança resolver a organização, a distribuição, a composição dos elementos sensíveis que estruturam e comandam a objetividade racional (esquemática) do seu objeto artístico. Nesse sentido, a racionalidade estética participa do processo de conceber os elementos artísticos da expressividade da criança por meio de uma racionalidade calcada em uma objetivação da renúncia de ingredientes supérfluos, mas que trata da emancipação do ato criador, na condição de opressão e submissão.

A forma estética então irá representar a racionalidade do pensamento da criança, resultante da totalidade da transformação de um ato criador dado por meio do conteúdo da linguagem, da percepção e da compreensão. (ADORNO, 2006). Essa dimensão enfrenta, na sociedade contemporânea, o contraponto que advém do fato de ser a produção criadora da criança – o brinquedo e a arte infantil –, reflexo da constituição do selo da mercadoria racionalizada que

recalca a expressão infantil. Nessa condição, estão também os atos violentos dos adultos mediante ao comando dos impulsos dados pela pressão imediata das suas investidas assinaladas por uma profunda hostilidade aos sentimentos e esquematismo da racionalidade na criança o que resulta em opressão.

Destaca-se, ainda que, mediante essa construção, há uma série de acontecimentos simbólicos que influem na forma como a criança expressa sua arte, baseada em estudos científicos, caracterizada pela construção convincente de que a estrutura irracional do pensamento e da ação criativa infantil tem como referência o modelo de receptividade voltada ao prazer de percepções previamente esquematizadas. Conforme demonstra Freitas (2003) a racionalidade estética sublinha o conceito da manifestação da auto expressão, vista sob o contexto da infância ela significa a forma da ludicidade e da arte que menos tem sido explorada quando se trata do significado da criatividade artística das crianças, cujo potencial emancipatório se viabiliza na construção crítica da sociedade e cultura produzida aos moldes dos adultos.

Nesse estudo, enfatizam-se dois aspectos por meio dos quais os produtos culturais impõem-se perante a racionalidade estética de natureza infantil e que rastreiam o processo educativo na cultura de periferia: i) a indução aos estereótipos, resultantes da intensiva propagação de produtos recém-surgidos e oferecidos pela sociedade de consumo aos habitantes da periferia; ii) e a adesão “voluntária” que proporciona a aceitação de tudo que circula na periferia urbana como se fosse algo natural – como no caso da violência simbólica e física, da propaganda de produtos (de uma elite dominante) que trafegam conteúdos e engessam a reflexão crítica.

Além de tudo, é preciso também observar que existe a possibilidade da emancipação dos esquemas impostos pela indústria cultural e que atingem as crianças na periferia urbana, já que há um forte fator de se criar esquemas por meio de uma concepção que promove a recepção de uma “falsa estética”. Nesse sentido, abre-se uma expectativa: que experiência criadora é essa mediada por uma racionalidade que impregna socialmente esquemas impostos no modo de influir a concepção educativa da criança de periferia, condicionando todo o processo de criação e autonomia dela que tende a se subordinar aos valores adultos, quais então implicações que isso envolve?

Para pensar melhor sobre tal questão é indispensável a compreensão sobre a dimensão que se organiza a experiência estética, uma vez que a expressividade artística da criança está determinada pelo ato de criação como processo educativo e tem sua significação afetada por um primeiro acorde com o objeto estético, que, por conseguinte, também está sob tensão e

isso é essencial para lançar mão à primeira reflexão sobre a práxis artística e criadora da criança a partir do seu modo de “fazer” e de “brincar”. Ao se defender a proposição de que a experiência radical com a forma estética no mundo objetivo em que a criança vive é mediada pelas contradições da sociedade atual, estabelece-se um confronto entre a identidade subjetiva e a objetiva da criança a partir da premissa de que é a experiência com a forma estética que se faz a aproximação entre arte, estética e formas do brincar na infância da periferia urbana em Marabá.

Porém, é condição fundamental buscar a autonomia infantil em meio às condições heterônomas dadas pela capacidade de esquematização da própria criança e superação da violência sofrida. Dessa maneira, estabelece-se uma forma de possibilitar a ampliação da percepção infantil ao se transformar a condição de expressão e segurança física da criança mediante a constituição de “esquemas”, operados de modo criativo pela imaginação na relação de posse da criança, produzindo significação no seu comportamento lúdico.

Esta pesquisa com a forma estética da criança de periferia urbana dá ênfase à forma afetada por violências mediante o processo educativo estético da cidade de Marabá. Traz reflexão sobre racionalidade vinculada ao esquematismo e a violência estética infantil com base no *habitus* social. E no seu desdobramento, sob um ponto de vista fundamental, caracteriza a criança que sofreu constrangimento na infância, resultante do poder simbólico do adulto que se reveste com a ordem dos postulados fundamentais da “civilização”. (HORKHEIMER, 2002). Enfim, à medida que o processo do esquematismo do entendimento trafega como tarefa fundamental e traz à tona a participação da criança no processo educativo da criatividade e expressividade, volta-se ao ser humano como centro da criação das coisas.

O conceito de criatividade adquire aqui outra compreensão quando analisado por meio da ótica da dimensão estética. A criatividade passa ser a objetivação da imaginação e tem como um dos seus esteios a forma estética mediante o processo educativo. Por último, a criatividade passa a corresponder não só à epistemologia, mas também a moral, a educação e a estética, tornando-se um processo de realização da gramática visual, a qual estrutura o percurso do pensamento sobre a realidade e consolida os aspectos fundantes de uma comunicabilidade que se institui.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se rompe nesse processo de rastreamento interdisciplinar, abre-se como fresta de atenção na fronteira da produção artística infantil como um primeiro impacto de interesse social no formato da educação intercultural na territorialidade Amazônica. Nessa perspectiva, a intersticialidade, presente no papel da criatividade, é o nicho da guarda da produção da arte da criança na periferia urbana de Marabá. Ampliam-se também os anseios esquematizados provenientes da expressividade individual de uma estética tipicamente incorporada por meninas e meninos amazônidas. Sobretudo, porque promover qualidade de vida. Conseqüentemente, trata-se de uma estética livre das amarras que os constrangimentos sociais têm promovido durante décadas nas sociedades do Sul e Sudeste do Pará – uma desinência ao conflito da infância na América Latina.

Tem-se conseguido com esta pesquisa obter um levantamento significativo da produção artística das crianças amazônidas (envolvidas nesta pesquisa), concernentes aos territórios da periferia urbana e, conseqüentemente, poder criar uma cartografia da memória educacional e estética das crianças na periferia da cidade de Marabá. Esclarecendo-se ainda que o significado da arte e educação sistêmica na produção poética da criança, mostra-se perfilada pelo deslocamento, mediante o processo educativo estético por via da violência característica que medeia a natureza dos esquemas concebidos pela criança. Não é à toa que o padrão instituído no âmbito social da periferia urbana tem sido ainda dado pelas condições instituídas como vida material em constante processo de transformação social, política e espiritual. Logo, tais padrões instituídos determinam as condições econômicas e influem na consciência, nos valores e na forma de comportamento na periferia urbana em Marabá.

Através desse contexto e com base no desenvolvimento regional amazônico, percebe-se a necessidade de comunicar os resultados até aqui suscitados. Toma-se então a forma de uma visualidade de fronteira que hospeda os problemas amazônicos, cuja correspondência dinâmica do sistema de produção estética e poética infantil implica ações educativas. Resultante dessa necessidade há a teorização, as críticas de cunho social – com o intuito de empreender um processo de construção do pensamento coletivo –, e crítico centrado na compreensão da situação real das crianças da periferia urbana em questão.

Outro movimento resultante do impacto esperado, ao revelar a realidade urbana da periferia, emerge da articulação entre o espaço de análise e a reflexão crítica sobre a situação das crianças no que diz respeito as políticas públicas orientadas aos problemas e práticas sociais

das quais é possível derivar aprendizagens para a suposta marcha em diferentes contextos da periferia urbana em Marabá.

6 REFERÊNCIAS

ARENDT, H. *A Condição Humana*. 12.Ed. São Paulo: Florence Universitária, 2014

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. 12.ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FAIGA, O. *Criatividade e Processos de criação*. 24. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, V. *Adorno & a Arte Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

HOKHEIMER, M.; Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. São Paulo: Zahar, 1985.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. 6.ed. Lisboa (PT): Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

LAROSSA, J. O Enigma da Infância ou o que Vai do Impossível ao Verdadeiro. In: _____; LARA, N. P. (Orgs.). *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1998. (p.67-86).

LOWENFELD, V; BRITTIAN, W. L. *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Metre Jou, 1970.

POSTMAN, N. O desaparecimento da infância. Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SANTOS FILHO, A.S. A Dimensão Estética do Brinquedo. Rio de Janeiro: Marsupial, 2016.

SCHILLER, F. *A Educação Estética do Homem: numa série de cartas*. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminarias, 2002.